

Maldição do cocar leva pânico aos políticos

Casos de Tancredo e Andreazza sugerem azar que faz todos fugirem das cortesias dos índios

SUELENE TELES
Da Editoria de Política

Colocar um cocar de índio na cabeça dá azar? Pode ser mera coincidência, mas o fato é que muitos políticos brasileiros, preocupados com os boatos sobre a má sorte que se abateu sobre aqueles que se exibiram em público com um cocar, estão correndo léguas dos caciques que costumam oferecê-los como prova de confiança. Terá sido por medo, ou por displicência que o senador Mário Covas permaneceu somente por apenas alguns segundos com um deles na cabeça, quando da votação da questão indígena na Constituinte?

Dizem que o ministro Costa Couto, do Gabinete Civil, que já foi ministro do Interior evita ao máximo colocar um cocar na sua cabeça — mas, pelo posto que ocupava, foi forçado a isso. Políticos cariocas, em particular, já não querem sequer tratar com especificidade da causa indígena, pois corre naquele Estado a lenda de que todo o parlamentar que assim procedeu nunca mais se reeleger. O exemplo mais próximo é o do cacique Juruna. Ele, no entanto, acha tudo isso uma piada. "O branco sempre confunde". Prudente, o líder Mário Covas evitou ser fotografado com o cocar que lhe foi levado por chefes indígenas há duas semanas, quando se votava o capítulo relativo aos índios na Constituinte.

Essa superstição veio sendo reforçada ao longo dos anos por meio de algumas "coincidências", que acabaram por transformar fatos corriqueiros em mensagens duplas. Coube ao ex-presidente Tancredo Neves oferecer aos supers-

ticiosos a razão mais forte para que eles continuassem a disseminar a idéia de que político e cocar não combinam. Conta-se que ele começou a sentir as primeiras dores abdominais logo após ter colocado sobre a cabeça um cocar oferecido a ele pelo cacique Raoni. Corre ainda o boato de que o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, teve que ser internado para corrigir entupimentos em válvulas de seu coração, dias após ter aparecido nos meios de comunicação com um colorido cocar.

DERROTA

Um outro exemplo clássico foi oferecido pelo ex-ministro Mário Andreazza. Ele foi derrotado por Paulo Maluf, na convenção de seu partido, quando disputava a vaga de candidato à sucessão do presidente Figueiredo. Andreazza poucos dias antes havia posado para uma série de fotos, com um cocar indígena. "Tudo isso não passa de superstição", reagiu o deputado Tadeu França (PMDB-PR), conhecido militante da causa indígena. Segundo ele, por duas vezes colocou na cabeça um cocar oferecido pelos caciques e nunca sentiu qualquer tipo de azar. "A longo de nossa história os índios têm se tornado especialistas na arte de perder. Talvez por isso, no inconsciente do branco, o cocar represente o sofrimento de uma raça em extinção. E os brancos receiam assumir esse destino".

Superstição ou não, o certo é que a "maldição do cocar" vem provocando medo em muita gente, mesmo nos que se dizem completamente céticos em relação ao assunto. A deputada Rose de Freitas (PMDB-ES),

que na votação do capítulo do índio, andou por todo plenário com um deles na cabeça, disse que no mesmo dia em que colocou um cocar lhe aconteceu "coincidentemente" um grande azar: o seu nome não apareceu no painel eletrônico quando se processava a votação do substitutivo do Centrão, para as Disposições Transitórias. "Bem que o Sigmaringa me alertou. Segundo ele, foi só eu colocar o cocar na cabeça dele, para que sua úlcera voltasse a abrir".

Sigmaringa Seixas (PMDB-DF) desconversou, garantindo que tudo não tinha passado de uma brincadeira. "Tenho essa úlcera há muito tempo, mas o Adolfo de Oliveira e o Pimenta da Veiga, se recusam terminantemente a colocar um cocar na cabeça. Eu não me incomodo, porque tenho o corpo fechado", ironizou. O deputado Adolfo de Oliveira (PL-RJ) confirmou o seu receio e lembrou da lenda que corre em seu Estado sobre a questão do índio. "Nunca coloquei um cocar na minha cabeça, e já me reelegi por oito vezes".

MALDIÇÃO E BÊNÇÃO

"É fácil acreditar que o cocar represente uma maldição e não uma bênção", defendeu-se Benedita da Silva (PT-RJ) que, junto com Rose de Freitas se deixou fotografar com um deles na cabeça. Benedita confirma que foi alertada por diversos colegas sobre a superstição de que cocar de índio dá azar. "Não acredito. O cocar representa um sentimento espiritual profundo da comunidade indígena. A minha fé me faz crer que estou livre, isenta de qualquer maldição", disse Benedita referindo-se ao boato de que político carioca que se envolve com os índios não se reelegue. "Quando coloquei um cocar na cabeça talvez estivesse profetizando. Quem sabe na próxima legislatura a gente possa ver esta Casa não só cheia de negros e de mulheres, mas também de índios, que têm tudo a ver com as cores do Brasil que são o verde, o amarelo, o azul e gente".

O deputado Tadeu França lembrou para os que acreditam "na maldição do cocar", que o contrário também sempre acontece, ou seja, quanto mais o índio assume os hábitos do branco mais vulnerável ele fica. "porque sua área de proteção dos espíritos acaba sendo diminuída". Como exemplo concreto, o deputado paranaense lembrou do ocorrido com o cacique Cretã, do Paraná. "Ele foi assassinado em emboscada quando era vereador pela cidade da Manguelina".

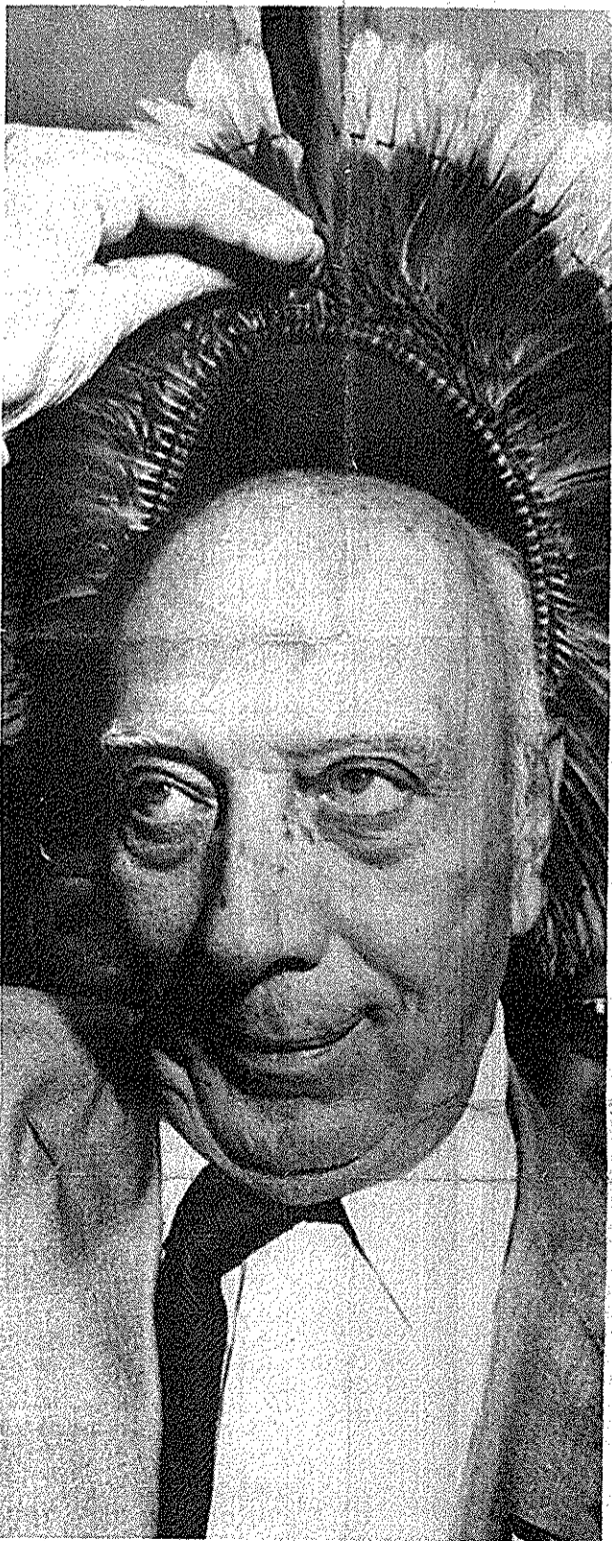


Dias após usar o cocar, Tancredo adoecia. Hoje, Covas evita as fotos, embora fique com as penas e Aparecido desafia o azar

EUGENIO NOVAS



GIVALDO BARBOSA



Ulysses, logo antes de se votar o parlamentarismo

Planalto evita até artesanato

JOSAFÁ DANTAS
Da Editoria de Política

O presidente José Sarney é supersticioso. Ele não esconde isso de ninguém. Mas também não anda por aí dizendo que não superstitioso. Por isso nunca orientou o cerimonial do Palácio do Planalto para tomar cuidados com determinados locais ou objetos que podem causar azar. Mas, para evitar constrangimentos e surpresas desagradáveis, o cerimonial do Palácio do Planalto sempre procurou não deixar, durante solenidade e cerimônias, artesanatos indígenas ou conchas do mar no caminho do presidente Sarney. Ele não usa roupas marron. Apesar de não pedir para que ela seja evitada, mas também procura se afastar discretamente para não receber os maus fluidos. Como todo supersticioso, Sarney não passa por debaixo de escada e sempre sai pela porta que entrou, para não se perder do anjo da guarda, que, segundo a crença, fica do lado de fora.

A superstição do presidente Sarney não atingiu ainda em chelo os chamados ministros da Casa: Ronaldo Costa Couto, chefe do Gabinete Civil; Ivan de Souza Mendes, chefe do

SNI; e general de divisão Rubens Bayma Denys, chefe do Gabinete Militar. Mas, dos três, o ministro Ivan é o único que afirma ser supersticioso. Ao ser indagado se tinha superstição, o ministro Ivan respondeu prontamente que não, mas ficou intrigado com a pergunta, e quis saber porque a indagação. Depois do esclarecimento, ele reafirmou a sua posição.

O ministro Rubens Bayma Denys não sabe se é supersticioso, como respondeu na hora que foi inquirido, durante a recepção oferecida pelo primeiro-ministro de Portugal, Aníbal Cavaço Silva. "No momento não tenho preocupação", respondeu bem humorado, durante uma conversa informal com o repórter. Demonstrando uma grande tendência à superstição, o general reforçou depois o seu posicionamento, ao comentar descontraidamente que "pelo menos por enquanto não estou preocupado".

— Sou muito volúvel com a superstição — foi o comentário que o ministro Ronaldo Costa Couto fez, depois de dizer que às vezes não tem supersticiosidade. Mas isso foi na primeira vez que foi ouvido, quando ele foi levar o então

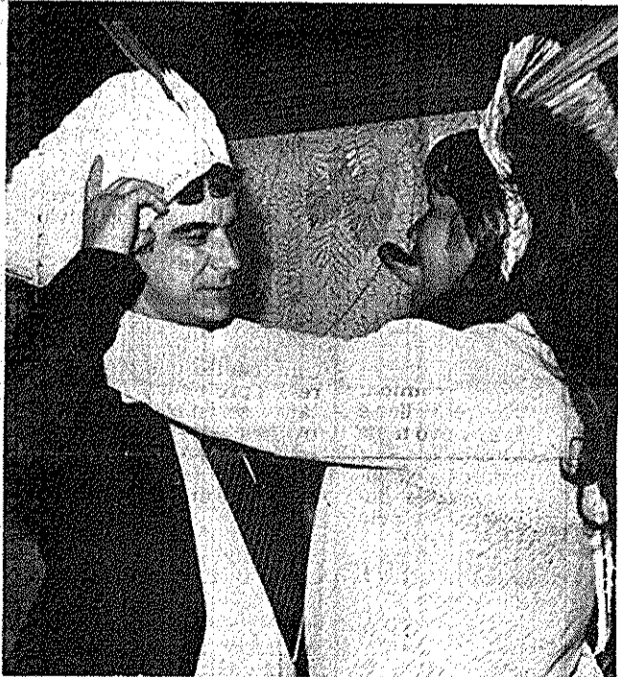
presidente em exercício Ulysses Guimarães, que se despedia mais uma vez do Palácio do Planalto. Mas, depois de ser condecorado com a Ordem do Mérito Naval, na última sexta-feira, Costa Couto explicou que realmente não é supersticioso, mas garantiu que muitas vezes deixa de fazer muitas coisas. Ele também não passa por debaixo de escadas, só se não houver outro jeito.

Quando era ministro do Interior, Costa Couto recebeu vários presentes dos índios, e posou para fotografias junto com os chefes indígenas, com um cocar na cabeça. Ele fez isso, como frisou, por respeito às tradições da raça, mas não por gosto, já que, segundo a crença, artigos indígenas dão azar para o "homem branco". Um assessor explicou, entretanto, que o ministro não jogou o presentes fora mas guardou com muito cuidado em sua chácara.

O brasileiro é por demais supersticioso. No fundo, apesar de dizer como Costa Couto que faz tudo pelo lado prático, o sentimento religioso do brasileiro tem uma tendência para a superstição. Quem não acreditar favor bater na madeira.



Em campanha, Andreazza até gostava de aparecer com os índios. Perdeu



Costa Couto: constrangido pelo cargo

Propósito é "dividir o poder"

Quando um cacique coloca um cocar na cabeça de um homem branco, ele simbolicamente está dividindo o seu poder. O poder que lhe é conferido por sua comunidade para que deia zela e a proteja das ameaças de perigo. Neste sentido, quando um branco recebe o cocar, ele está sendo "convidado" a assumir com o cacique essas responsabilidades. E os índios só se comportam assim por ocasião de alguma solenidade, ou em situações críticas, como foi o caso recente, quando eles se reuniram na liderança do PMDB, para aguardar as negociações sobre o capítulo do índio. Todos os enfeites, pinturas e as metamorfoses no corpo estão simbolicamente demons-

trando a coesão das nações indígenas e reforçando sua identidade.

As informações são do antropólogo e deputado federal, José Carlos Sabóia (PSB-MA). Segundo ele, esse gesto do índio representa um pacto, apesar de les saberem que são desiguais. "São gestos carregados de valores culturais e norteados por uma conduta mágica, que tem por intenção a fuga do perigo e a obtenção de bons resultados. Estão também carregados de simbologia sobrenatural".

DESCONFIANÇA

Para o antropólogo, essa superstição sobre "a maldição do cocar" é uma tremenda ignorância, uma forma do branco lidar com o índio sempre com despre-

zo e desconfiança. "Os políticos que não dominam essa linguagem cultural, acham que o ato está sobrecarregado de magia, que de alguma forma poderá lhe prejudicar. É uma visão supersticiosa, nada científica. Mas todo político é mesmo muito supersticioso, pois vive uma vida de muito risco".

Sabóia fez questão de reiterar que esse "medo" é totalmente gratuito e que tudo não passa de uma fantasia, de uma caricatura. "O fundamental" — disse — "é que para eles, os índios, onde quer que o cocar caia, na cabeça de quem quer que seja, fica selado um compromisso entre os brancos e uma minoria étnica em defesa da sobrevivência dessa minoria".